Cartas

Comercialização no vale do São Francisco

Somos agrônomos do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED), trabalhando em três projetos especiais dos reassentados da Barragem Itaparica do submédio do vale do São Francisco na área de comercialização dos produtos agrícolas e economia rural.

O universo dos três projetos abrange cerca de 2.500 famílias, das quais 1.100 estão produzindo. As demais 1.400 começarão neste ano. A totalidade da terra irrigada vai chegar a 9.300ha no fim do ano. Os produtos principais dos agricultores familiares são milho, tomate, cebola, feijão, banana, goiaba, mamão e coco.

Foram fundadas duas cooperativas para comercializar os produtos agrícolas e mais duas serão fundadas em breve. Mas as cooperativas têm pouca experiência, e estamos à procura de informações sobre os diversos caminhos para entrar no mercado: 1. bolsa de mercadorias agrícolas para os produtos mencionado; 2. rede de supermercados; 3. agroindústria; 4. atacadistas.

Procuramos também informações sobre conjuntura dos mercados e preços e qualidade dos produtos agrícolas. Para isso solicitamos documentos, publicações, materiais didáticos nessa área. Agradecemos qualquer apoio. Naturalmente nos propomos a cobrir os custos desse material.

LANKA E MANFRED
Sta. Maria da Boa Vista, BA
E mail: lama@netcap.com.br

Separatas de AGROANALYSIS

Artigos de AGROANALYSIS *podem ser reimpressos sob encomenda, para apoio a aulas, palestras, educação continuada de funcionários etc. Pedidos pelo telefone (021) 536- 9196, pelo fax (021) 536- 9155, pelo* e-mail *assine@fgv.br ou pelo correio. O endereço para correspondência é Praia de Botafogo, 190, sala 813, Rio de Janeiro, CEP 22253-900.*

LIGUE GRÁTIS: 0800-21-7777

É permitida a reprodução total ou parcial dos índices e matérias desde que seja citada a fonte.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944, como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Sede: Praia de Botafogo, 190 – Rio de Janeiro – RJ, CEP 22253-900 ou Caixa Postal 62.591, CEP 22257-970. Tel.: (021) 536-9100.

Presidente Fundador:
Luiz Simões Lopes

Presidente:
Jorge Oscar de Mello Flôres

Diretor Geral:
José Affonso Fausto Barbosa

Conselho Diretor

Presidente:
Jorge Oscar de Mello Flôres

Vice-Presidentes:
Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Carlos Ivan Simonsen Leal e Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque.

Demais Vogais:
Celina Vargas do Amaral Peixoto, José Luiz Miranda, Luiz Fernando da Silva Pinto, Manuel Fernando Thompson Motta, Manuel Pio Corrêa Jr., Marcílio Marques Moreira, Roberto de Oliveira Campos e Roberto Paulo Cesar de Andrade.
Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Daniel Dantas, Eugenio Emílio Staub, Gilberto Dupas, José Julio Senna, Oswaldo Antunes Maciel, Pedro Leitão da Cunha e Maria Silvia Bastos Marques.

Conselho Curador

Presidente:
Carlos Alberto Lenz Cesar Protásio
Vice-Presidente: Armando Klabin (Klabin, Irmãos & Cia.)

Vogais:
Antonio Monteiro de Castro Filho (Souza Cruz SA), Associação de Bancos do Estado de São Paulo, Banco Credit Commercial de France SA, Diogo Lordello de Mello, Domingos Marques Grêllo, Edmundo Penna Barbosa da Silva, Félix de Bulhões (SA White Martins), Gustavo de Sá e Silva (Estado de São Paulo), Heitor Chagas de Oliveira, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), José Ephim Mindlin, Marcos A. Magalhães (Philips do Brasil Ltda.), Mario Abrantes da Silva Pinto, Mauro Salles (Salles, DMB&B Publicidades SA), Paulo Guilherme Aguiar Cunha (Cia. Ultragás SA), Sergio Franklin Quintela, Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro e Theodoro Arthou.

Suplentes:
Cristiano Buarque Franco Neto (Banco Bozano Simonsen SA), Guilherme Augusto Frering (Caemi Mineração e Metalurgia SA), João Pedro Gouvêa Vieira Filho (Refinaria de Petróleo Ipiranga SA), Jorge Paulo Lemann (Banco de Investimento Garantia SA), Lineu de Paula Machado (Banco Boavista SA), Luiz Roberto do Nascimento e Silva, Marcio João de Andrade Fortes, Maria do Carmo Nabuco de Almeida Braga (Icatu Empreendimentos e Participações SA), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes – Cia. de Seguros), Pedro Henrique Mariani Bittencourt (Banco da Bahia Investimentos SA), Roberto Duailibi (DPZ Propaganda SA) e Fernando Roberto Moreira Salles (União de Bancos Brasileiros SA).

Conselho Consultivo
Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Eliezer Batista, Gilberto Duarte Prado e Roberto Borges Martins (Estado de Minas Gerais).

Instituto Brasileiro de Economia
Diretor:
Antonio Salazar P. Brandão

Banco de Dados IBRE
Salomão L. Quadros da Silva

Centro de Estudos Agrícolas
Ignez Vidigal Lopes

Centro de Estudos de Empresas
Sergio Gustavo S. da Costa

Centro de Estudos de Economia e Governo
Lia Valls Pereira

Centro de Estudos de Preços
Paulo Sidney de Melo Cota

Centro de Estudos Tendenciais
Eden Gonçalves de Oliveira

Revista Conjuntura Econômica
Lauro Vieira de Faria

AGROANALYSIS

Revista mensal de economia agrícola da Fundação Getulio Vargas, editada pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia.

Fundador
Julian M. Chacel

Chefe do CEA/IBRE
Ignez Vidigal Lopes

REDAÇÃO

Redator chefe
Regis Alimandro

Redatores setoriais
Dan Biller (meio ambiente e recursos naturais), Eliana Leite (arroz, feijão, meio ambiente, tomate, mandioca, caju). Irene Raguenet Troccoli (fumo, milho, avicultura, suinocultura, laranja), Luiz Antônio Pinazza (pecuária de corte e de leite e política agrícola), Maria José Cyhlar Monteiro (preços, previsão de safras, legislação e índice FGV-Abag), Mauro de Rezende Lopes (comércio internacional, política agrícola), Regis Alimandro (café), Rogério F. de Souza (indicador do preço do milho).

Equipe de colaboradores
Adib Jamil Amin, Lucio Junqueira Campos (estatísticas de preços), Ana Célia Junqueira Campos, Edmilson Pereira Conceição, Mário Augusto Rodrigues Martins (apoio técnico), Joaquim Andre Villanova (açúcar e álcool).

Redatores
Maria Adelaide Amorim Oliveira e César Garcia

Direção de arte & capa
Osvaldo Moreira da Silva

Revisão
André Pinheiro

Contatos com a redação pelos tels.: (021) 536-9213, 551-7995 e 536-9225 e fax: (021) 536-9207.

Técnico em processamento
Bruno da Silva Júnior

Estagiários
Alessandra Santos Vaz, Juliana da Silva Prado, Marcus Tadeu Vilaça Pessôa, Raquel da Silva Guedes e Viviane Basilio Seda

Secretaria e apoio administrativo
Claudia Ana Marques, Eliane dos Santos Botelho, Antonio Getúlio de Oliveira.

PUBLICIDADE

Gerente comercial:
Carlos Henrique Tibiriçá Miranda, tel.: (021) 536-9269, fax: (021) 536-9207, *e-mail*: caique@fgv br

Representantes comerciais
Brasília - DF: tel. e fax: (061) 314-1541 e 322-2034; *Rio de Janeiro - RJ*: tel.e fax: (021) 533-3121; *São Paulo - SP*: telefax.: (011) 3061-9754; *Rio Grande do Sul*: (051) 343-8423. Fax: (051) 337-4262

CIRCULAÇÃO

Gerente comercial (Editora FGV)
Carlos Hamilton Rocha

Serviço de Vendas
Praia de Botafogo, 190 s/607, CEP 22253-900 ou Caixa Postal: 62.591, CEP 22252-970, Rio de Janeiro, RJ, tel.: (0800) 21-777

Livrarias

Rio de Janeiro
Livraria J. Carneiro Felipe
Praia de Botafogo, 188
tel.: (021) 536-9105

São Paulo
Livraria Faria Lima
Av. Nove de Julho, 2.029
tel.: (011) 281-7875.

Visite nossa home page
http://www.fgv.br

As cartas dos leitores devem ser remetidas para AGROANALYSIS *– Praia de Botafogo, 190, sala 813, Rio de Janeiro – RJ, CEP 22253-900, fax: (021) 536-9207*

Nesta edição

pág. 10 *Especial*
Mercado de leites
Novos tempos 10
Mercado internacional:
Vacas de alta produtividade 18
Gestão:
Sob medida para o Brasil 20
SOS Leite:
A pecuária de leite vai à luta 24

pág 30 *Extra!*
Argentina:
Ilha de prosperidade 30
Pequeno produtor rural:
Espécie em extinção 35
Eleições & setor rural:
Em nome do poder 37

pág 40 *Conjuntura do agribusiness*
Frango: Problemas à vista 40
Café: Fatia maior ao produtor 42
Milho: Mercado amadurecido 43

pág. 44 *Estatísticas agropecuárias*
Queda na relação de trocas 44
Clima eleva os preços 45
Muita oferta e pouca demanda 46
Preços voltam a cair 47

pág. 48 *Índice FGV-Abag*
Tendência de queda 48

pág. 50 *Oferta & demanda*
Ovos:
Concorrência chinesa abala o mercado 50

pág. 51 *Legislação agrícola*
Seca, reforma agrária e financiamento da safra 51

pág. 58 *Panorama agropecuário*

pág. 62 *Janela aberta*
Dando nome aos peixes 62

Carta verde

Preços com sotaque argentino

Desde os tempos do *plante que o João garante* o Brasil pegou a mania de anunciar sucessivas supersafras. A colheita de 1998 está estimada em 78 milhões de toneladas de grãos. Não é um mau resultado; mas não merece o título de supersafra, até porque em 1995 colhemos mais de 80 milhões de toneladas.

Também vem dos anos 80 o desafio de alcançarmos os 100 milhões de toneladas, agora anunciados como meta governamental para o ano 2000.

É uma meta ambiciosa? Sim e não.

No período 1970-85, a área plantada de grãos cresceu de 27 milhões de hectares para 40 milhões e a produção de grãos saltou de 31 para 60 milhões de toneladas. Daí para a frente, a área estagnou, variando entre 37 e 42 milhões de hectares e hoje percorre discreta,mas continuada tendência baixista. Mas a produção continuou crescendo, refletindo avanços da produtividade, até alcançar o patamar dos anos 90, entre 70 e 80 milhões (com exceção dos dois primeiros anos, quando as safras quebraram).

Se além dos ganhos de produtividade o Brasil tivesse mantido a área utilizada no processo produtivo do final dos anos 80 – ao redor dos 42 milhões de hectares –, aos níveis atuais de produtividade, a produção já estaria na casa dos 90 milhões de toneladas.

E por que não conseguimos manter a área do final dos anos 80? Por várias razões, a maioria delas na ponta da língua de quem acompanha a economia agrícola brasileira: planos econômicos inflando artificialmente a dívida da agricultura, câmbio sobrevalorizado, juros altos, impostos exagerados, protecionismo nos países desenvolvidos e por aí vai.

É o ambiente macroeconômico interferindo nas decisões locais de investimento. Prova disso é o desempenho recente da agricultura argentina, que é objeto de extensa análise nesta edição. A Agrofolha, da *Folha de S. Paulo*, recorrentemente toca nesse assunto, o que nos motivou a investigar mais a fundo o tema.

As semelhanças entre os dois países são várias. A Argentina viveu há pouco a loucura hiperinflacionária; o Brasil também. A vocação agrícola dos dois países é óbvia e ambos foram submetidos a processos forçados de industrialização.

E como anda a agricultura argentina? Surpreendentemente bem, a julgar pelo desempenho da brasileira. O endividamento é baixo e vem caindo em relação ao valor da produção, ano após ano. A produção vem crescendo a taxas elevadas. Em 1991, a colheita foi de 35 milhões de toneladas; este ano a safra alcançou 64,4 milhões.

Esse fato ganha importância ainda maior tendo em vista a vigência do Mercosul. É óbvio, mas nem todos se deram conta. Com o Mercosul, a produção agrícola argentina, assim como a dos demais signatários, interfere no processo de formação dos preços agrícolas do Brasil como se estado brasileiro fosse. Não há diferença se a expansão agrícola ocorreu na Argentina, no Uruguai, em Minas ou em Goiás. O aumento da produção derrubará os preços em São Paulo do mesmo modo. Isso, de um lado, favorecerá a estabilidade monetária no Brasil; de outro, dificultará ainda mais a capitalização da agricultura brasileira. A história agora é outra. Aos olhos do mundo dos negócios, o que importa é a safra do Mercosul, não mais a do Brasil e de cada um dos países. Resta saber que parcela da oferta do Mercosul será da responsabilidade do Brasil.